

Mémoire

Tammy Rosas Ramos¹

Sempre me vi como um defensor do passado, principalmente do passado de minha cidade, Manaus. Formado em Arquitetura e Artes, um dos meus passatempos favoritos é ir ao Centro Histórico da cidade e passar horas desenhando os prédios, praças e objetos antigos por lá espalhados. Pensei que dessa forma a parte importante do patrimônio histórico estaria guardada, mas em uma tarde nublada de novembro descobri que minha visão do passado manauara estava incompleta.

Era 27 de novembro de 2015, sexta-feira de folga da correria do trabalho, ainda assim, saí de casa para relaxar fazendo alguns rabiscos da cidade, mas como o céu não estava muito bonito escolhi um local próximo, moro na Av. Getúlio Vargas e a caminhada até a Catedral de Manaus, localizada na Av. Sete de Setembro com Av. Eduardo Ribeiro é curta, e foi para lá que me dirigi.

Cheguei àquele local incrível, que já passou por tantas modificações, mas no seu íntimo carrega a história de Manaus inteira. Inicialmente, 1695 para ser mais exato, apenas uma capelinha de palha na beira do rio, mas construída como símbolo forte dos padres carmelitas que por aqui passaram. Então a política clama por progresso, em tempos onde a religião era tudo ou nada, surge uma igreja maior, já no local atual, marco de uma Manaus que não parava de crescer. Com o passar dos séculos muda de aspecto inúmeras vezes, ou propositalmente, ou por causa de acidentes como um incêndio em meados do século XIX. Atualmente a Catedral - Igreja da Matriz para os mais íntimos - é branca com detalhes amarelos, com um grande jardim em frente e uma praça com chafariz que acaba se confundindo com a paisagem do século XXI.

Sentei-me em um dos bancos em frente a catedral, tirei o caderno e o lápis da bolsa, respirei fundo, observei o local e seus detalhes por um tempo, dei *play* em *Tocata e Fuga em Ré menor*, de Sebastian Bach e comecei meu desenho.

Não demorou muito para começar a ventar mais forte, aqueles ventos que só existem em Manaus, vêm do nada e vão para lugar nenhum. Então os papéis começaram a ganhar vida, mas ainda assim permaneci sentado desenhando. Parei quando os primeiros pingos de água começaram a molhar o papel, não sendo suficiente, alguns são levados pelo vento e fico correndo atrás no meio da chuva. Quando alcanço o penúltimo papel, uma mão desconhecida me entrega o papel fujão que faltava ao mesmo tempo que me cobre com seu guarda-chuva.

¹ Graduanda do curso de bacharel em Arqueologia pela Universidade do Estado do Amazonas, bolsista de iniciação científica pelo Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC), pesquisadora na área de Arqueologia Histórica. Integrante do grupo de pesquisa NIPAAM - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica.

Levanto-me e me deparo com um rapaz por volta dos seus dezessete anos, apesar da chuva e dos papéis molhados, ele carregava um sorriso gentil, além de uma câmera profissional em seu pescoço. Como temos mania de rotular tudo e todos, logo o coloquei na categoria turista. Afinal, quem mais estaria sorrindo embaixo da chuva, com a lama nos pés e uma câmera desprotegida no Centro de Manaus?

-Tudo certo? - ele perguntou.

-Ah... Sim, obrigado pela ajuda. - respondi estranhando a gentileza.

-Acho que desenhar embaixo de chuva não é uma boa ideia senhor. - ele diz ainda sorrindo.

-Também acho, ainda mais quando me chamam de senhor. Pode me chamar de Pedro.

-Certo, desculpe, Pedro. Sou Manoel. - ele diz envergonhado.

Ele continua me encarando com um sorriso no rosto, mas do que diabos ele tanto sorri? Depois de um minuto de silêncio, digo:

-Bem, obrigado por me salvar Manoel, até breve. - agradeço enquanto guardo o resto das coisas na bolsa e me preparo para correr para uma das paradas de ônibus.

-Por nada, senhor. - olho para ele, torcendo a boca - Oh, desculpe. Por nada, Pedro.

Corro em direção a parada e de lá vejo que Manoel continua no mesmo lugar, com o guarda-chuva apoiado no pescoço e a câmera apontada na direção da faixa de pedestres, onde muitas pessoas corriam apressadas para não se molharem mais. Estranhei a escolha da foto... Quero dizer, a Igreja da Matriz à sua frente, vários prédios históricos ao redor, a praça... E ele está tirando fotos das pessoas atravessando a rua... Tudo bem, cada um com suas prioridades.

Um ônibus passa e então eu esqueço aquele momento, volto para casa, para minha vida comum, com trabalhos e afazeres... A mesma correria de sempre. Na semana seguinte volto à Matriz para começar do zero o desenho, o outro foi estragado pela chuva, mas hoje o sol brilha e tenho certeza que conseguirei terminar.

Para minha surpresa, assim que me sento e olho para cima, vejo ao longe um garoto com sua câmera, tirando fotos e mais fotos de todos os ângulos possíveis, dos trabalhadores, dos fiéis que entravam e saíam da igreja e até dos turistas que por ali andavam.

Resolvi cumprimentar o rapaz e também precisava saber se aquilo era alguma espécie de projeto fotográfico da escola, ou qualquer outra coisa. Meu instinto curioso não resistiu. Me aproximei do rapaz por trás e vi a última foto que ele analisava, era uma senhora que estava descendo os degraus da catedral, com um terço em mãos e um lenço na cabeça, costume que já não se vê muito entre as cristãs.

-Bonita foto. - disse.

-O quê?! - ele diz sobressaltado, não tinha notado minha presença. - Ah, olha o senhor da chuva.

-Pedro!

-Certo, Pedro. - ele diz sorrindo.

-Desculpe pela curiosidade, mas para quê são essas fotos?

-Para mim. - ele diz calmamente.

-Então você tira fotos de pessoas aleatórias, em lugares aleatórios apenas para você? - digo, achando aquilo estranho.

-Sim. Mas não são lugares aleatórios, gosto da parte antiga da cidade. - ele abre ainda mais o sorriso.

-Por que faz isso se você não conhece as pessoas? Por que não tira foto apenas dos lugares?

Ele para por um momento para pensar em minhas perguntas. Noto que seu sorriso vacila e me questiono mentalmente se fui longe demais, fazendo tantas perguntas, assim que abro a boca para dizer que ele não precisa me responder ele fala:

-Eu não conheço ninguém. - ele afirma.

-Exatamente o que eu disse. - rebato.

-Não, o senhor não entendeu... Eu não conheço ninguém, não lembro nomes de pessoas nem de locais, diga-se de passagem não lembrava nem seu nome, e o vi faz o quê? Um mês? - ele para pensativo.

-Na verdade... Foi semana passada. - Estranho aquilo, mas não o questiono mais.

-Nossa, então realmente está ficando pior... Pelo menos ainda lembro de minha mãe. - ele fala essa última parte baixinho.

-O que está ficando pior? - Não consigo manter a língua quieta.

Ele me observa, calmamente, e pela primeira vez em nossos dois encontros, ele fica sério.

-Sabe o que é senhor... quando eu tinha dez anos de idade fui diagnosticado com uma doença genética que vai afetando meus órgãos até eles pararem de funcionar, o senhor vai me desculpar, mas agora não lembro o nome, é bem complicado... - engulo em seco, espero para ver se ele vai falar algo mais... E ele fala - A doença escolheu começar pelo meu cérebro, justamente o centro de tudo, o que gerou uma outra doença chamada... Alzheimer... Acho que é assim, e ela vem roubando minhas memórias rapidamente... Eu tiro as fotos para lembrar das pessoas, principalmente daquelas que não vou ter a oportunidade de conhecer.

Fico sem fala por muito tempo. Tempo suficiente para ele voltar a sorrir e dizer:

-Está tudo bem. Todos nós vamos morrer não é mesmo? Alguns só irão mais rápido que outros.

-Eu sinto muito. - finalmente encontro minha voz.

-Todos sentem. Mas poucos se importaram com minhas fotos. Fico feliz que tenha perguntado. Não quero que veja isso como algo triste, na verdade tenho fotos lindas, mas outras bem engraçadas.

-Imagino... - penso em como continuar a conversa e digo: Será que posso dar uma olhada qualquer dia? Sou artista e adoraria conhecer seu trabalho.

-Nossa, isso seria ótimo! Poderia até me dar umas dicas para fotos melhores. Tenho algumas aqui se quiser ver. - ele sorri como nunca tinha visto alguém sorrir.

-Eu adoraria.

Depois de algum tempo vendo suas fotos, noto que há várias da mesma senhora, ou do rapaz que trabalha na parada vendendo frutas e até mesmo do padre que reza a missa nos fins de semana. Minha curiosidade continua e repito a pergunta:

-Por que você não tira foto apenas do patrimônio histórico? Afinal, não é o que vale a pena lembrar?

Manoel dá uma gargalhada, e já me sinto o mais ignorante do mundo, espero ele se acalmar para falar:

-Senhor, um prédio sem pessoas é apenas um prédio. Tijolo, areia, cimento e alguns adornos, o senhor não concorda? Cada parede daquela igreja possui uma história graças às pessoas que passaram por aqui. Por exemplo, a senhora que o senhor viu nas minhas fotos? Ela vêm aqui todos os dias, é uma das poucas pessoas de que ainda me lembro bem. Certo dia eu fui perguntar a ela o porquê, assim como o senhor fez comigo. E ela me disse que vinha todos os dias porque o marido dela estava vivo. Não entendi, então ela explicou: O marido dela tinha um tumor no pulmão, ela como cristã veio rezar para Nossa Senhora da Conceição, prometendo que se o marido dela fosse curado ela viria agradecer todos os dias pelo resto de sua vida e ajudaria a igreja como pudesse. No fim das contas o marido dela ficou bem, ela veio perguntar ao pároco o que a igreja precisava, o pároco sorriu para ela e disse que apenas a presença dela na igreja já era de grande ajuda. De qualquer forma, ela notou que os bancos da igreja estavam bem feinhos, então comprou algumas latas de verniz e pagou alguém para ajeitar... Senhor, isso foi em 1995, eu venho aqui há exatos 560 dias, consigo acompanhar pela data das fotos na câmera, e para cada dia que vim tenho uma foto dessa senhora, no mesmo horário, agradecendo a bênção que lhe foi dada... Isso é uma parte da história da igreja, da história de Manaus. O Patrimônio só existe por causa das pessoas, elas fazem os lugares, e não os lugares fazem as pessoas... E o que é o Patrimônio senão um lugar de memória?

Escutei cada palavra daquele rapaz como se fosse a mais bela poesia... E de fato era. Tudo que havia aprendido na vida parecia sem sentido até aquele momento.

Manoel faleceu meses depois, sua mãe me deixou suas fotos, sua câmera e um bilhete de Manoel que apenas dizia: *Na esperança de alguém se lembrar de mim dentro do nosso tempo finito.*

Hoje, 27 de novembro de 2016, observando a grandiosa exposição que organizei nos jardins da igreja, com todas as mais de duas mil fotos de Manoel, vejo que consegui preservar o patrimônio mais valioso do ser humano... Sua memória.